

## **“DESASTRES MATERIAIS, DESORDENS MORAIS”: O “*FOOT-BALL DE VAGABUNDOS*” NAS RUAS DE SALVADOR, 1905 - 1920**

Henrique Sena dos Santos<sup>1</sup>

Universidade Estadual de Feira de Santana

Feira de Santana, Brasil

henrisena@hotmail.com

Recebido em 27 de fevereiro de 2012

Aprovado em 25 de abril de 2012

### **Resumo**

Este artigo visa compreender alguns aspectos do processo de incorporação do futebol às práticas culturais populares, como as notas esportivas dos periódicos soteropolitanos de títulos como: *Foot-ball de Vadios*, *Foot-ball de Garotos*, referindo-se ao futebol praticado pelos grupos populares. Através das notas esportivas, busca-se, ainda, identificar quais os espaços que cotidianamente foram inventados e/ou (re)significados pelos grupos populares. A partir do estudo da relação entre o futebol e aqueles grupos foi possível desconstruir a ideia de aquele esporte surgiu entre as elites para depois difundir-se entre as camadas populares. Finalmente, a intenção deste artigo foi enfatizar que a introdução do futebol em Salvador ocorreu de múltiplas formas e as camadas populares, assim como as elites, foram protagonistas deste processo.

**Palavras-chave:** futebol; Salvador; cultura popular.

### **Abstract**

**“Material disasters, moral disorders”: The “vagrant foot-ball” at the streets of Salvador, 1905 – 1920**

This article aims to understand some aspects of the process of incorporation of football by the popular cultural practices, like the newspapers notes with titles like: “*Football de Vadios*” and “*Foot-ball de Garotos*” referring to the football played by popular groups. Through sports notes, we seek to also identify the areas that were daily invented and/or (re)interpreted by popular groups. From the study of the relationship between football and those groups it was possible to deconstruct the idea that this sport emerged between the elites and then spread among the popular layers. Finally, the intent of this article was to emphasize that the introduction of football in Salvador occurred in multiple forms and the popular layers, as well as the elites, were protagonists in this process.

**Keywords:** football; Salvador; popular culture.

---

<sup>1</sup> Mestre em História.

## **Introdução**

Se fizermos um levantamento sobre como o futebol chegou às principais cidades brasileiras, teremos um roteiro muito parecido. Jovens que estudando ou trabalhando em países europeus apreendiam o jogo de bola e quando retornavam para o Brasil difundiam o divertimento. Destes, as histórias mais conhecidas são a de Charles Miller em São Paulo e Oscar Cox no Rio de Janeiro (FRANZINI, 2010; PEREIRA, 2000). Porém, outros centros urbanos também tiveram os seus “introdutores” do futebol (MELO, 2010). Por exemplo, Belo Horizonte, Fortaleza e São Luís, contavam respectivamente com Victor Serpa, José Silveira e Nhozinho Santos, adolescentes que viajavam ao velho continente retornando com bolas e manuais (CARVALHO, 2009; PINTO, 2007; RIBEIRO, 2007). Em Salvador também existiu um mito de origem do jogo e o jovem responsável por “trazê-lo”, em 1901, foi José Ferreira Júnior, o Zuza Ferreira. Os memorialistas e os jornais costumam dizer que a chegada do futebol na capital se deu através desse jovem, que ao retornar dos estudos na Inglaterra trouxe consigo bolas e manuais e assim introduziu a atividade na cidade.

Os memorialistas que se debruçam sobre os primeiros momentos do jogo de bola em Salvador afirmam que, após a chegada de Zuza, o jogo paulatinamente começou a ser praticado entre um reduzido número de jovens abastados. Advogados, médicos, comerciantes, ingleses residentes na cidade e estudantes da então Faculdade de Medicina aos poucos se aproximavam do novo divertimento e assim trocaram os primeiros passes. Para Aroldo Maia, o principal memorialista do futebol baiano, juntando-se a estes “da Inglaterra e Suíça, chegavam vários rapazes do nosso escol, que ali se achavam estudando línguas.” Os primeiros envolvimento com a bola se davam

na Quinta da Barra e na Graça através dos “*matches* treinos, principalmente pelos *teams* Azul e Vermelho” (MAIA, 1944, p. 5).

Supostamente, os mesmos sujeitos lembrados pelo memorialista protagonizaram algumas partidas que parecem ter ocorrido nos anos de 1902, 1903 e 1904, graças a grupos que estavam de passagem em Salvador como tripulantes de navios. Em 07 e 28 de junho de 1903, dois jogos envolvendo os jovens baianos e um combinado inglês foram realizados, com um empate e uma vitória para o time baiano.

Numa manhã de domingo, em 30 de agosto de 1903, ocorreu outra partida entre americanos e ingleses, tripulantes de um navio contra um combinado de jogadores residentes na Bahia. Além do Campo da Pólvora, algumas partidas realizavam-se na Quinta da Barra (distrito da Vitória), na Fonte do Boi (bairro do Rio Vermelho), no Largo do Papagaio (distrito da Penha) e no Largo do Barbalho (MAIA, 1944, p. 4-5).

Devido à grande dificuldade de encontrar fontes sobre este momento do futebol soteropolitano, não é possível contestar com muita segurança a versão de que Zuza Ferreira e seus amigos abastados foram os introdutores do futebol na cidade. No entanto, para além de pensarmos em uma história das origens, lembramos que antes da chegada de Zuza já existia algum envolvimento da cidade com o futebol e com outros esportes. A bola corria entre os universitários que estudavam na Faculdade de Medicina da Bahia onde provavelmente era utilizado enquanto exercício físico. Além disso, em Salvador, de forma tímida algumas atividades esportivas existiam desde o segundo quartel do século XIX a exemplo do turfe e do críquete praticado por ingleses residentes na capital baiana.

Todavia, a História que sempre é contada quando se fala dos primeiros anos do futebol em Salvador prevaleceu, pois se tornou comum afirmar que a sua chegada e,

principalmente, seu desenvolvimento no país se deu exclusivamente pela vontade cosmopolita em vivenciar novas sociabilidades modernas advindas da Europa.

De certo modo esta associação não está totalmente equivocada. Contudo, ela confere um protagonismo exclusivo às elites no que diz respeito aos primeiros momentos do futebol no Brasil omitindo a presença de outros sujeitos que ao seu modo também foram responsáveis pelo desenvolvimento inicial do jogo de bola no país.

Diante desta evidência, este artigo foi elaborado enquanto uma tentativa de investir em outra proposta de análise dos primeiros anos do futebol, ao menos em Salvador, de modo que considere que o envolvimento das elites juntamente com as suas representações sobre o esporte foi apenas uma das formas de introdução do jogo na cidade. Com isso, pretendemos nos afastar da perspectiva que segue a usual lógica na qual a prática primeiro surge entre as elites para depois irradiar-se para outros grupos sociais. Adotando a perspectiva de Gilmar Jesus (1998, 2002) sobre a introdução do futebol no Brasil, nossa intenção é pensar que os primeiros anos do seu desenvolvimento em Salvador ocorreram de múltiplas formas e as elites não foram necessariamente o centro deste processo.

Para corroborar com a nossa argumentação, este artigo foi centrado na compreensão de alguns aspectos da prática do futebol pelas camadas populares. A partir de diversas notas encontradas nos principais jornais da cidade, a intenção foi perceber de que forma o envolvimento dos chamados moleques, vadios e peraltas com o jogo de bola se constituiu enquanto um modo de introdução do esporte na cidade com sentidos próprios e específicos não necessariamente equivalentes aos das elites que legitimadas pela imprensa e memorialistas por muito tempo e ainda hoje foram e são consideradas as introdutoras do futebol no país.

### **Um *foot-ball* pernicioso...**

Um dos primeiros indícios de que o futebol em Salvador desde as suas primeiras evidências não era só praticado pelas elites, mas também pelas camadas populares foram as diversas notas encontradas nos principais jornais soteropolitanos referindo aos chamados grupos de desordeiros que praticavam o esporte nas ruas.

De modo mais sistemático estas notas surgem um ano depois da criação da LBST, a Liga Bahiana de Sports Terrestres, em 1904. A iniciativa da formação da entidade coube aos jovens abastados que realizavam amistosos nos campos de terra batida da cidade. A Liga realizou o seu primeiro certame em 1905.

Principalmente nos jornais *Diário de Notícias*, *Gazeta do Povo*, *A Tarde* e *Diário da Bahia* as notas com regularidade vinham acompanhadas com o título de *foot-ball de garotos*, *foot-ball de vadios*, *foot-ball de vagabundos*, *foot-ball nocivo* ou *foot-ball prejudicial*. Geralmente se referiam aos ditos moleques de rua, vadios e peraltas que jogavam em diversos logradouros públicos onde a prática do futebol era proibida. Podemos supor que a regularidade do jogo de bola na cidade proporcionada pelo campeonato da LBST favoreceu a criação de um ambiente esportivo na capital baiana, consequentemente fazendo com que a imprensa noticiasse mais as partidas. Por outro lado, a existência de um campeonato e o ambiente esportivo criado como consequência pode ter contribuído para a difusão do jogo entre os populares.

Entretanto, essa suposição não nos permite afirmar que só após a presença da LBST e do seu certame o futebol passou a ser jogado pelos grupos subalternizados. Uma determinação da Intendência de 1903, muito conhecida entre os memorialistas do esporte baiano, limitava a prática do futebol aos seguintes locais:

FUTEBOL – Resolvendo o pedido feito pela Secretaria da Polícia sobre Pontos onde possa ser efetuado jogo de futebol sem prejuízo da propriedade particular, conforme reclamações levantadas, a Intendência Municipal designou-se os seguintes pontos para realizar-se aquela diversão: Campo dos Mártires, no distrito de Nazaré; Quinta da Barra, no distrito da Vitória; Fonte do Boi, no distrito de Brotas; Largo do Barbalho, no distrito de Santo Antônio; e Largo do Papagaio, no distrito da Penha (MAIA, 1944, p. 8-9).

É possível inferir que a preocupação da Intendência era controlar a prática do jogo na cidade, visto que naquele momento começava a ser jogado em vários locais, acarretando em prejuízo para as propriedades particulares. Devido à inexistência de áreas próprias para esta prática, privadas ou públicas, a Intendência resolveu destinar alguns largos e campos abertos para o cultivo do futebol. Elaborada em 1903, imaginamos que a determinação era destinada mais às elites do que aos populares, embora o documento também servisse para este grupo. A princípio, assim como as elites, aqueles sujeitos se interessaram pelo futebol por curiosidade. Em 1901 e 1902, o envolvimento popular no futebol parecia ser mais como espectador, acompanhando as partidas amistosas.

Porém, a partir de 1903, a população em geral já assimilava de forma mais intensificada a experiência do esporte. Enfim, dois anos antes do surgimento de um campeonato percebemos que o futebol já dava uma pequena dor de cabeça para as poderes públicos da cidade. Neste sentido, a determinação da Intendência visava uma limitação da atividade.

No que se refere ao conteúdo das notas, a insatisfação dos periódicos parece estar ligada ao fato de que o futebol praticado por pobres e vadios não seguia as limitações da Intendência, tampouco a forma como as elites jogavam. Além disso, não seguia horário e nem tinha um local específico, desrespeitando, segundo os jornais, as

peessoas e propriedades. Em 07 de novembro de 1906, o *Diário de Notícias* publicava uma nota dizendo:

*Foot-ball* de garotos

Continua desenfreado e insuportável o *foot-ball* dos garotos, que absolutamente não atendem a circunstâncias de ocasião nem de lugar, com o que prejudicam enormemente as vidraças das casas, as plantas dos jardins públicos e a tranquilidade dos transeuntes. É uma vergonha uma verdadeira miséria.

As autoridades dos distritos e ao Sr. Chefe de polícia pedimos ainda uma vez providências sérias e enérgicas contra a vadiagem dos vagabundos.<sup>2</sup>

A data em que o jornal publicou a crítica foi uma quarta-feira, o que sugere a inexistência de um dia específico para o brinquedo. Enquanto as elites apenas jogavam nos domingos e treinavam nas quintas, o futebol nas ruas não tinha um dia e horário certo para ocorrer.

Nesta mesma nota encontramos a insatisfação de um cavalheiro que foi à redação do jornal se queixar do “prejuízo que lhe têm causado os terríveis vadios que um dia destes lhes deram forte pancada com uma lata e hoje o iam atirando ao chão com formidável trompaço.”<sup>3</sup> O jornal finalizou a nota afirmando que os jovens “desordeiros” ao serem censurados pelo “cavalheiro” “se insurgiram, maltratando-o com palavras grosseiras, etc.”<sup>4</sup>

Uma característica das notas é que uma boa parte delas partia de pessoas que de alguma forma se sentiam prejudicadas pelo abusivo divertimento. Não era só a imprensa que fazia guerra ao futebol na rua, muitas vezes os periódicos serviam de porta-vozes de comerciantes queixando-se de janelas e produtos danificados ou de pedestres que não raramente eram atingidos por bolas ou qualquer outro material.

---

<sup>2</sup> *Diário de Notícias*, 7 nov. 1906. p. 2.

<sup>3</sup> *Idem*.

<sup>4</sup> *Idem*.

Algumas notas são bem sintomáticas e úteis para compreender outras particularidades do *foot-ball de vagabundos*.

Em uma nota, datada de 26 de abril de 1912, um cidadão de nome desconhecido residente no Largo da Lapinha, foi ao *Diário de Notícias* pedir que “por vosso intermédio chamem a atenção os poderes competentes para um grupo de desocupados, jogadores de *foot-ball*, ali onde constantemente arrebentam vidraças e atropelam os transeuntes.”<sup>5</sup> Junto aos redatores do jornal, o cidadão entendia que “é por demais estreito o local onde abusivamente se utilizam para este prejudicial divertimento.”<sup>6</sup> Por fim, lembrou da determinação da Intendência, ao dizer que existia “até uma postura municipal que proíbe tais jogos em lugares não determinados pela Intendência.”<sup>7</sup>

Observem que uma das insatisfações do cidadão foi o fato de que o lugar era considerado por demais estreito para a prática do futebol. Isso nos faz afirmar que no futebol de rua existia uma constante reinvenção dos espaços para o jogo de bola, diferindo das elites que escolhiam campos delimitados pela Intendência para as suas pelepas. O campo poderia ser qualquer área e seus limites geralmente eram as calçadas, as linhas do bonde ou algum outro ponto de referência.

Em matéria de título, “a doença do esporte – futebol noturno”, o jornal *A Tarde*, em novembro de 1914, relatava a queixa dos moradores da Rua Bengala que se sentiam incomodados com a “com a persistência de alguns indivíduos, que para patentear seu amor ao esporte, ficam, todos os dias, a jogar desde as primeiras horas da noite, no ‘campo’ impróprio de uma rua estreita, que assim fica quase intransitável.”<sup>8</sup>

---

<sup>5</sup> *Diário de Notícias*, 26 abr. 1912, p. 1.

<sup>6</sup> *Idem*.

<sup>7</sup> *Idem*.

<sup>8</sup> *Jornal A Tarde*, 7 nov. 1914, p. 4.

Para os moradores, “as famílias ali residentes esquivam-se de sair à noite com medo do desordenado *team*.”<sup>9</sup> No final de outubro foi a vez do Monsenhor Francisco de Assis Castro ir à Secretaria de Polícia “pedir providências contra o abuso do jogo de *foot-ball* de indivíduos desocupados que se reúnem na frente da igreja do Desterro.” Segundo o Monsenhor, “esses indivíduos por ocasião da missa, deitaram uma escada subindo pelo telhado da sacristia afim de apanharem uma bola.”<sup>10</sup>

Além disso, não só o campo era reinventado, mas também os próprios materiais utilizados enquanto traves e bolas. Na primeira nota em que o “cavalheiro” foi ofendido pelos “vadios”, deduzimos que uma lata estava substituindo a bola. Em muitas outras notícias aparecem relatos de garotos e vadios chutando um pano velho, uma bola de meias e até bexigas de bois. Nas ruas os apetrechos utilizados para uma partida eram visivelmente diferentes dos das elites. Ao passo que os jovens e adultos burgueses, em um esforço de distinção social, consumiam bolas, uniformes e traves importadas e vendidas nas principais casas comerciais da cidade, os populares faziam o jogo com os recursos disponíveis.

Em 29 de abril de 1918 novamente o *Diário de Notícias* lembrava que cabia à polícia “aos poucos moralizar certos costumes de parte do povo desta terra.”<sup>11</sup> Segundo o jornal, “grupos de garotos sujos, seminus se entregam à prática do *foot-ball* em quase todos os lugares.”<sup>12</sup> Daquela vez o jogo ocorrera no Engenho da Conceição onde “via-se uma partida da espécie a que nos referimos e cujos jogadores não tinham a menor noção de respeito, tais os seus trajes e o seu vocabulário.”<sup>13</sup>

---

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> *Diário de Notícias*, 27 out. 1907, p. 2.

<sup>11</sup> *Diário de Notícias*, 29 abr. 1918, p. 4.

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Idem.

A falta de traje adequado para o jogo de futebol era algo considerado ultrajante pelos jornais. Entre as elites, o uniforme impecável era condição elementar para uma boa apresentação de um time. O Internacional, um clube inglês filado à LBST, por exemplo, tinha tanta preocupação com os seus uniformes que preferia importar de *Southampton* as suas camisas e calções com o seu emblema cuidadosamente bordado. Na década de 1920 até mesmo algumas punições foram impostas a alguns clubes que se apresentavam com um uniforme fora do padrão. Diante disto, o *foot-ball* nas ruas, praticamente com poucos trajes manchava o ideal esteticamente refinado do esporte.

Enfim, obviamente a facilidade de adaptar materiais favoreceu consideravelmente a difusão do futebol entre os populares. As apropriações do jogo por estes grupos se constituíam enquanto uma reinvenção dos materiais esportivos e dos usos e abusos dos espaços oficialmente negados pelas instituições (CERTEAU, 1994).

Outra nota bastante curiosa que revela a indignação de alguns setores da população foi uma queixa do Sr. Farmacêutico Mario Teixeira da Assis, residente à Rua Senador Costa Pinto. De acordo com o *Diário de Notícias*, Mario Teixeira foi à redação daquele jornal contar que “anteontem estando à janela seu filhinho foi ferido na testa por uma brutal pedrada, que um dos *foot-ballers* vadios daquela rua arremessara contra outro, em luta por causa do prejudicial divertimento.”<sup>14</sup> O jornal continuou lembrando que:

A autoridade não deu providência, porque não conhece o autor da pedrada e a família do farmacêutico foi quem passou pelos transe e contrariedades do desastre que podia ter ocasionado a morte à descuidada e interessante criança. Quanto a nós, havemos de falar contra esses *sports* condenáveis até que se deem providências no sentido de acabar com elas.<sup>15</sup>

---

<sup>14</sup> *Diário de Notícias*, 20 jul. 1906, p. 1.

<sup>15</sup> *Idem*.

Ao que parece, a pedrada recebida pelo filho do farmacêutico foi em decorrência de um conflito desconhecido entre dois considerados vadios. Este tipo de situação que envolvia xingamentos, ofensas e agressões era muito comum nas pejejas dos “jovens vagabundos” e se constituía em uma diferença marcante em relação à cultura esportiva das elites. No repertório comportamental do futebol elegante, a princípio não existia espaços para confusões, brigas e desentendimentos, prevalecendo a disciplina e o cavalheirismo. Contudo, nas ruas, os jornais sempre destacavam ofensas, xingamentos e a linguagem vulgar entre os garotos e “vadios”.

O *Diário de Notícias*, em uma de suas costumeiras críticas ao *foot-ball de garotos*, relatou uma queixa da população de São Bento, Victoria, Sant’Anna e Aflitos de “capadócius que se reúnem aos magotes, formam grupos enormes e numa algazarra infernal, entre vozerias e indecências proferidas sem o mínimo respeito às famílias.”<sup>16</sup> O jornal ainda salientou que tais práticas “sempre nocivas começavam por danos e terminavam em brigas e desordens.”<sup>17</sup> Ao que parece, as brigas estavam relacionadas à noção de competitividade que entre os populares começava a surgir. Como não existiam juízes para resolver os impasses do jogo, acredito que os próprios envolvidos tentavam resolver as querelas ao seu modo, chegando a consequências perigosas em algumas ocasiões.

Outra hipótese era que as brigas e ofensas que ocorriam nestes jogos eram tentativas de resoluções de conflitos de outras situações nos quais estavam envolvidos os jogadores. Para o historiador Sidney Chalhoub (1986), eram nos botequins e em outros ambientes que permitiam a reunião de populares que as rixas e conflitos entre estes sujeitos eram resolvidos seguindo lógicas e códigos próprios que as autoridades

---

<sup>16</sup> *Diário de Notícias*, 7 nov. 1906, p. 3.

<sup>17</sup> *Idem*.

preferiam resumir em atos bárbaros e incivilizados. Neste sentido, o futebol de rua surgia como mais um espaço oportuno para os rivais resolverem suas querelas ao seu modo. Um episódio sintomático deste processo foi encontrado em 1920 quando o *Diário de Notícias* se queixou de partidas de futebol na Baixa da Quinta que terminavam sempre em desordens. Sobre o assunto o jornal disse:

Os moradores da Baixa da Quinta dos Lázarus e adjacências tinham, aos domingos, ali gratuitamente, algumas horas felizes de distração, que muito os divertia, apreciando os encontros das associações esportivas, que jogam pebol ali.

Ultimamente, porém, as partidas tornaram-se um ponto de discórdia entre os jogadores e entre os adeptos, degenerando sempre em discórdia e pancadaria.

Foi o que aconteceu anteontem, havendo luta corporal entre pebolistas adversos e adeptos exaltados.

Caboclo, um dos jogadores durante, toda a partida esteve armado de faca, o que foi presenciado por muitos dos assistentes.

Devido às desordens, já as famílias vivem aos domingos desassossegados, receando de momento um pugilato e quem sabe? Mortes.

Aos Sr. Antonio Seabra deixamos a leitura das linhas acima, na certeza de que s.s. fará comparecer a Baixa da Quinta, aos domingos, uma reforçada patrulha de cavalaria que garanta aos moradores daquele local passarem o domingo de descanso em paz.<sup>18</sup>

Sobre o *foot-ball de vadios* localizado na Rua do Moinho, no Tororó Grande, em 07 de outubro de 1907, o *Diário de Notícias* fazia as críticas de praxe e acrescentava que indivíduos desocupados “costumam ainda espancar crianças moradoras ali, pondo em prova a paciência dos pais e parentes, que, por nosso intermédio, pedem ao Sr. Dr. chefe de polícia tome em consideração o policiamento no Tororó Grande.”<sup>19</sup> Já em outra habitual crítica o mesmo jornal relatava como o futebol desencadeava em brigas e xingamentos.

Parece, à primeira vista, um divertimento inocente. Não o é, entretanto.

<sup>18</sup> *Diário de Notícias*, 24 ago. 1920, p. 4.

<sup>19</sup> *Diário de Notícias*, 7 out. 1907, p. 3.

A pequenos, trêfegos (sic) e descuidosos, que se reúnem para entreter, aos pontapés com uma bola, feita de qualquer coisa, vêm se reunir depois, marmanjos desocupados e viciados, e, agora, um empuxão num menor, depois um termo obsceno, mais tarde um gesto desavergonhado, e tudo se transforma num “*charivari*” medonho, em que muitas vezes a policia faz-se preciso intervir.

É o que se pode dar, no Cruzeiro de São Francisco, onde um grupo de meninos vadios joga o tal *foot-ball*, de tal forma, que às vezes, até pedras têm penetrado no interior das casas.

Com vistas à policia.<sup>20</sup>

Vale ressaltar que, embora a maioria das críticas se referisse explicitamente as chamada crianças vadias e desocupadas, o futebol das ruas também era praticado por crianças e até adultos aparentemente de outras condições sociais. Nas palavras de um jornal, “o *foot-ball* então vai se alastrando por toda a parte, nele tomando parte meninos de escola, moleques desocupados, vendedores de queimados, etc.”<sup>21</sup> A própria determinação da Intendência de 1903 já era uma tentativa de limitar a prática do futebol em determinados lugares da cidade. Acontece que as elites, em sua maioria, respeitavam a lei, enquanto boa parte dos populares, não. A prática do futebol nas ruas, não necessariamente por vadios e desocupados, é um indício de que paralelamente à dita introdução do jogo pelas elites e os seus códigos de comportamento, a atividade já adquiria novos sentidos até mesmo para alguns jovens de grupos sociais em tese mais próximos dos sentidos civilizados propagandeados pelos jornais. Na edição de 07 de novembro de 1907 na nota denominada “*foot-ball* dos garotos”, o *Diário de Notícias* informava que:

Infelizmente não são apenas garotos que por aí andam a jogar *foot-ball* a torto e direito nas ruas, nas praças, em toda parte.

Por aí andam eles aos bandos moleques desocupados, meninos de escola, filhos de família, jogando como entendem, sem arte e sem regra, a qualquer hora do dia.

Daí vidros quebrados de combustores da iluminação, de casas particulares, vidraças de igrejas, platibandas quebradas, etc.

<sup>20</sup> Diário de Notícias, 21 ago. 1913, p. 3.

<sup>21</sup> Diário de Notícias, 23 ago. 1906, p. 3.

Ainda hoje soubemos que o *foot-ball* que se joga livremente no Largo da Vitória tem causado sérios prejuízos aos proprietários de casas ali.<sup>22</sup>

Pela insatisfação dos jornais, fica evidente que o sentido do futebol conferido pelos populares e outros grupos deturpava a função primordial da prática pensada pelas elites. De acordo com Pierre Bourdieu (1983), na lógica do amadorismo o futebol era pensando como:

(...) uma escola de coragem e de virilidade, capaz de "formar o caráter" e inculcar a vontade de vencer ("*will to win*"), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas uma vontade de vencer que se conforma às regras - é o *fair play*, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca vulgar da vitória a qualquer preço (p. 140).

Além disso, como um *sport*, o jogo deveria ser realizado metodicamente. Seus objetivos deveriam ser o desenvolvimento saudável do corpo. Em 26 de novembro de 1915 mais uma vez o *Diário de Notícias* trazia uma queixa de uma malta de vadios que distorciam os sentidos do futebol justamente no momento em que a prática chagava na cidade para "civilizá-la." Segundo o jornal:

(...) se reúnem diariamente no campo do Barbalho para jogar um desenfreado *foot-ball*, com bolas de pano velho, batendo-se as tais bolas, quando *shootadas*, contra as vidraças e telhados das casas ali situadas, danificando-os.  
O pior, porém, é a falta de respeito de tais garotos que desenrolam durante o dia, um vocabulário indecente, ofendendo com tais palavras o pudor público.  
Chamamos a atenção do comandante da Guarda Civil para tais fatos que deprimem da nossa civilização.  
É preciso não esquecer a gíria muito em voga: - *A Bahia civiliza-se...*<sup>23</sup>

As críticas dos jornais não raramente partiam da premissa de ao ser praticado pelos vadios e até por meninos de escola e filhos de família do modo que foram descritas aqui, o sentido, amadorístico, pedagógico e civilizatório do futebol dava lugar a um caráter lúdico, pernicioso e irracional:

<sup>22</sup> Diário de Notícias, 07 nov. 1907, p. 3.

<sup>23</sup> Diário de Notícias, 26 nov. 1915, p. 4.

Crianças, que regulam de 7 a 12 anos, abandonam os livros nos degraus da igreja de São Pedro dos Clérigos ou no passeio do jardim daquela praça e metem-se no brinquedo, do qual não raro têm provindo desajuizadas lutas corporais, palavradas e às vezes ferimentos!

E quanto aos desastres materiais, não têm conta: vidros quebrados, transeuntes atropelados pelos *sportmen* vadios e outros muitos inconvenientes que várias pessoas nos têm vindo denunciar, as quais, como nós, protestam indignadas contra essa ampla liberdade que se dá a desocupados e peraltas.<sup>24</sup>

Nesta nota há uma clara lamentação em perceber que o futebol popular estava tirando as crianças das escolas, um espaço pedagógico por excelência. Por sua vez, os desastres morais e materiais eram tudo o que o jogo pelas elites não pregava: uma atividade que, ao invés de elevar o espírito humano, estava rebaixando-o.

Devido à intensa incorporação do futebol na cultura popular e uma dita reapropriação de sentidos, é possível ler nos diários a repulsa à difusão do esporte e principalmente a tentativa de diferenciar e hierarquizar o modo como as elites e os populares o praticavam. As críticas dos jornais eram, portanto, um esforço em apresentar ao leitor desavisado que a prática popular e descontrolada daquele esporte não deveria ser confundida pelo modo como as elites, “verdadeiras” conhecedoras do espírito nobre do futebol, o praticavam. Expressiva neste sentido foi uma queixa do *Diário de Notícias*, de 19 de julho de 1906, referindo-se a “capadócius que, sem a mínima noção do que seja o belo e útil jogo do *foot-ball* vivem por aí a quebrar vidraças das casas e das igrejas”.<sup>25</sup> O diário concluiu que “o gosto pelo *sport* que, em boa hora, se vai firmando entre nós é o primeiro a perder com a investida da garotada, cujo maior prazer é dar com o pé em um pau, em um objeto qualquer de encontro a uma vidraça, a um lampião.”<sup>26</sup>

---

<sup>24</sup> Diário de Notícias, 20 jun. 1906, p. 3.

<sup>25</sup> Diário de Notícias, 19 jul. 1906, p. 3.

<sup>26</sup> Idem.

Logo nos primeiros anos, o processo de hierarquização e distinção entre o futebol das elites e o dos populares era fundamental, visto que nem toda a população conhecia a fundo o esporte. Com os ditos vadios e vagabundos paulatinamente se apropriando do jogo, os praticantes do futebol “correto” corriam o risco das pessoas que não faziam parte daquele cotidiano ter uma impressão negativa do esporte. Neste sentido, os jornais constantemente buscavam comparar e distinguir o futebol “saudável”, praticado regularmente e dentro das normas pelos grandes clubes e o seu campeonato do jogo nocivo e desordeiro dos vadios, garotos e capadócios. Mais uma vez o *Diário de Notícias* argumentava que:

Enquanto os *clubs* regulares de *foot-ball* escolhem lugares próprios para seus exercícios, os capadócios, os moleques e os vadios de toda espécie abusam desse *sport*, jogando onde querem e como entendem, em qualquer praça ou rua da capital sem que, por isso, a polícia os chame à ordem ou ao menos procure evitar as desordens e os desastres morais e materiais que resultam de tão condenável prática.<sup>27</sup>

Diante da impossibilidade de extinguir a prática do futebol nas ruas, os jornais buscaram comparar os dois modos de vivenciar o jogo. Na nota acima há uma tentativa de esclarecer para a população em geral que existiam na cidade modos de praticar aquele jogo: um associado à civilização, ao bom comportamento, regulamentado, organizado por clubes e jogado em lugares próprios para a sua realização; outro caracterizado pelas desordens, confusão e desrespeito às pessoas e propriedades. Enfim os jornais queriam deixar claro que existia um “bom futebol” e um “mau futebol.”

O “mal” futebol, além de ser estigmatizado pela imprensa, também era apresentado como aquele que trazia consequências negativas para os que o praticavam, em uma vã tentativa de diminuir a ocorrência do jogo nas ruas. Com uma ligeira frequência, encontramos nos jornais relatos de pessoas que de alguma forma se

---

<sup>27</sup> *Diário de Notícias*, 20 jun. 1906, p. 3.

machucaram devido ao futebol. Geralmente as lesões e ferimentos eram causados por uma *charge* o que significava que a pessoa ferida fora atingida por outro jogador pelo recurso da falta que poderia ser um carrinho, um empurrão, etc. Em 16 de julho de 1907, por exemplo, o cigarreiro Luiz Coelho em uma dessas partidas, “recebeu de um seu companheiro uma forte *charge* que o prostrou por terra, tendo fraturado por completo os ossos do antebraço esquerdo.”<sup>28</sup> Já em outubro do mesmo ano, foi a vez do aprendiz de alfaiate, Jacinto Marinho de Souza, fraturar o antebraço direito quando devido ao *foot-ball*, recebeu “uma forte *charge*, que o prostrou por terra.”<sup>29</sup> Finalmente, um mês antes, em 18 de setembro, o *Diário de Notícias* informava que “anteontem, à tarde, o menor Antonio Luiz dos Santos, que é desocupado, divertia-se no largo da Vitória, com uns seus companheiros, quando recebeu de um destes uma forte *charge* que o prostrou por terra, fraturando a coxa direita, no terço inferior.”<sup>30</sup> Nestas, como na maioria das outras notícias, o jornal informava que o acidentado era levado geralmente para o Hospital Santa Isabel para fazer os curativos.

É possível inferir que estas notas indiretamente serviam de alerta para os desavisados que jogavam e desejavam jogar futebol nas ruas sem nenhuma condição para tal. Enquanto os clubes jogavam com equipamentos de segurança, como chuteiras e caneleiras, e eram geralmente assistidos por ambulâncias, já o *foot-ball dos garotos* não raramente era descalço e sem nenhuma segurança.

De um modo geral, foi possível localizar notícias referentes ao *foot-ball de vagabundos*, *foot-ball de vadios*, entre tantas outras denominações, ao longo das duas primeiras décadas do século XX. Gradativamente os mesmos sujeitos que jogavam nas ruas formaram os seus clubes ou ingressaram em agremiações mais modestas, de modo

---

<sup>28</sup> Diário de Notícias, 17 jul. 1907, p. 3.

<sup>29</sup> Diário de Notícias, 17 out. 1907, p. 3.

<sup>30</sup> Diário de Notícias, 18 set. 1907, p. 3.

que em 1920 o futebol entre os populares já estava bem mais institucionalizado. Todavia, isto não quer dizer que aquela forma de jogar extinguiu-se. Ainda em 1920 encontramos uma nota bem sintomática que praticamente resumia todas as queixas de pessoas insatisfeitas como o jogo nas ruas. Tratava-se de um grupo de moradores das imediações do Campo da Pólvora irritados como a prática do futebol naquela área que há algum tempo tinha deixado ser um espaço autorizado para o esporte:

Nesta redação esteve uma comissão, representante dos moradores e proprietários, desta praça que pede a nossa intervenção junto ao Sr. Intendente no sentido desta autoridade não consentir que tenha lugar ali o pernicioso jogo de pebola.

Dentre as ponderações, aliás, justas, que nos fazem aqueles cavalheiros ressaltam as seguintes:

- 1- As densas nuvens de poeira que, precedentes do jogo, invadem as suas casas, os bondes e banham os transeuntes.
  - 2- O esfacelamento dos canteiros da mesma por ocasião do jogo.
  - 3- O ataque dos transeuntes por parte das bolas, produzindo-lhes contusões o que não é raro.
  - 4- O esfacelamento das vidraças das propriedades que defrontam com a praça e dos vidros dos lampiões.
  - 5- As ofensas ao pudor das famílias que residem no local, por parte de muitos dos inescrupulosos e maltrapilhos jogadores.
  - 6- A má impressão que produziria uma arquibancada que pretendem construir na praça.
  - 7- Que existe no Conselho uma resolução em contrário:
- E nós achando justo este pedido, etc., etc.<sup>31</sup>

### **Possíveis considerações**

Se levarmos em conta que as primeiras evidências da presença do futebol em Salvador datam entre 1901 e 1903 e em 1906 já era possível encontrar uma quantidade significativa de críticas do futebol pelos populares, podemos afirmar com alguma segurança que na cidade o desenvolvimento do jogo entre as elites e populares ocorreu de maneira paralela. Daí que não é possível defender uma perspectiva da interpretação histórica do esporte na cidade tão rígida que embarque na ideia do etapismo. Ou seja, primeiro o futebol é praticado pelas elites para depois irradiar-se para as camadas

---

<sup>31</sup> Diário de Notícias, 20 dez. 1920, p. 5.

populares. Isso porque a cidade de Salvador tinha uma configuração desfavorável à privatização e controle do futebol pelas elites.

A rápida incorporação pelos grupos populares de uma atividade entendida como civilizada demonstra como eles buscaram se relacionar de modo original e dialógico frente às tentativas de modernização socioespacial da cidade empreendidas pelas elites. Ao contrário do que pensavam os projetistas e higienistas, a capoeira, o candomblé, jogo do bicho, serestas e sambas, entre outras práticas, algumas africanizadas, não foram varridas com a chegada das intervenções e remodelações do espaço físico e das relações sociais (COSTA, 1983; UZEDA, 1992) Tampouco as camadas populares não estabeleceram uma relação de antagonismo para com as manifestações ditas modernas que chegavam para substituir determinadas tradições instituídas. As manifestações consideradas populares estabeleceram uma relação conflituosa e dialógica já nos finais do século XIX (FRAGA FILHO, 1994; REIS, 1991).

O período colonial/monárquico possibilitou o surgimento de grupos sociais subalternizados que contribuíram para a formação de uma cultura relativamente autônoma. Estes sujeitos, historicamente constituídos por negros(as), brancos(as), escravos, libertos, trabalhadores livres, pequenos comerciantes, entre outros, chegaram às primeiras décadas republicanas como representantes de práticas populares criativas (CHALHOUB, 1986; VELLOSO, 1989, 2004). Contudo, a forma como se dava a relação de conflito não era marcada por uma dicotomia que antagonizava binariamente os ideais “civilizados” e as tradições “populares”. Pelo contrário, aquela encontra sentido quando entendemos que os populares, na manutenção de suas tradições e formas de sociabilidades, constantemente reinventavam suas práticas, adequando, adaptando, e

negociando-as com as formas sempre atualizadas de repressão, controle e dominação. Parece-nos equivocado pensar as culturas populares enquanto puras, imutáveis ou enraizadas em tradições cristalizadas. Neste sentido, é inevitável pensá-las permanentemente envolvidas em traduções, hibridismos e circularidades (BAKHTIN, 1993; CANCLINI, 2006). Seguindo a conceituação de Stuart Hall (2003), entendemos que, para além de uma concepção no qual poderíamos verificar e/ou inventariar práticas que, de acordo com o seu conteúdo, poderiam ser consideradas como populares é mais útil e empiricamente constatável pensar as culturas populares enquanto um terreno de luta. O valor da concepção de Hall (2003) “reside em ser um terreno de luta pelo poder, de consentimento e resistências populares, abarcando assim, elementos da cultura de massa, da cultura tradicional e até das culturas hegemônicas” (p. 349). Enfim, é deste modo que podemos entender o futebol no terreno das culturas populares.

Embora a relação do futebol com as elites em Salvador esteja associada pela imprensa aos projetos modernos e civilizatórios, a sua incorporação pelos moleques de rua, os ditos vadios e peraltas e pessoas modestas indica como estes buscaram se relacionar com as práticas modernas, atribuindo-lhes de novos sentidos, como ocorria com o cinema (FONSECA, 2002). O futebol nas ruas foi uma das formas dos populares manterem-nas como um espaço do lúdico e da algazarra, assim como ocorria com a capoeira, os sambas e batuques.

É preciso salientar que as culturas populares soteropolitanas eram formadas de diversos elementos (FERREIRA FILHO, 1999). Estas, de algum modo acabaram influenciando na constituição de novos sentidos para o jogo de bola. Muitas vezes as críticas atribuídas ao futebol de rua eram acompanhadas de queixas de outras

manifestações populares, o que sugere uma confluência de práticas em um mesmo local.

Em 18 de setembro de 1912, por exemplo, o *Diário de Notícias* lembrava que:

Na Rua Ferreira França ao Politeama, 1º distrito da Vitória, há uma caterva de menores vadios entregue aos prejudiciais divertimentos da jogatina do búzio e das bolas, está causando sérios prejuízos aos moradores locais, avariando as vidraças das janelas, conforme temos repetidas reclamações.<sup>32</sup>

Outro exemplo bastante típico de associação do futebol com outros elementos populares era o ato de empinar arraias. Mais comumente empreendia por crianças e jovens, esta atividade era alvo de muitos editoriais queixando-se da falta de regulamentação para empinar arraias, pipas e papagaios. Não raramente as mesmas críticas ao brinquedo dos jovens eram estendidas ao futebol. Para alguns setores da imprensa, “as oficinas e as escolas estão desertas; mas, as praças e ruas vivem cheias de crianças consumindo o tempo no jogo de *foot-ball*, no empinamento de arraias e papagaios de papel, com grave dano e até risco da rede dos fios elétricos e dos telhados das propriedades.”<sup>33</sup>

No editorial “Distrações Nocivas - Regulamentação necessária” de 01 de junho de 1915, o *Diário de Notícias* reclamava da total liberdade das crianças para empinar arraias prejudicando as propriedades e redes elétricas da cidade. O jornal ainda aproveitou, como sempre, para estender as suas queixas ao futebol de rua que, muitas vezes praticado pelas mesmas crianças, igualmente irritava os transeuntes e proprietários:

É uma diversão prejudicial, inquestionavelmente, a que se entregam crianças e mesmo moços desocupados dentro do perímetro da cidade e nas ruas mais centrais, o empinamento de *arrais e papagaios*. Muitos são os inconvenientes decorrentes deste divertimento contra o qual quase todos os anos se reclamam providências, de maneira a fazerem cessar os abusos cometidos a dirimirem os males que dele resultam.

<sup>32</sup> *Diário de Notícias*, 18 set. 1912, p. 3.

<sup>33</sup> *Diário de Notícias*, 9 ago. 1915, p. 4.

Essa distração da infância deve, com todas as outras, estar adstrita a regras e preceitos, cujo esquecimento ou falta de observância dá margem a consequências desagradáveis e até funestas.

Tudo deve ter tempo e lugar apropriado.

Em parte alguma, nas grandes cidades, vê-se, sem uma fiscalização e regulamentação especial, o exercício de jogos *sportivos* e outros, o que aqui se observa nas ruas, nos becos, em todos os pontos, mesmo os mais centrais e concorridos da cidade.

O Poder Público olha indiferente para isso, com se fora coisa que não devesse preocupar a sua preciosa atenção nem merecer da sua parte o cuidado de intervir para regularizar principalmente no que se refere à determinação dos lugares em que esses jogos e essas distrações devam se realizar.

De referência ao jogo *foot-ball* muitas reclamações temos publicado e repetidas queixas têm sido levadas à imprensa, de conflitos e incidentes desagradáveis que promanam do abuso de se o consentir em toda parte.

Desde a infância, se educa o homem no respeito aos direitos alheios, e nos deveres da sociedade a que irão servir amanhã, como seus membros constitutivos.

A liberdade conferida pela lei, nas sociedades bem organizadas, não é a ação desordenada de todos os atos e paixões do homem, em satisfação dos gostos próprios, mas dos que resultem ou passem advir prejuízos e danos a direitos alheios.

A missão de regular e fazer observar esse salutar preceito do dever que todos temos, crianças, moços ou velhos, do respeito ao bem geral, cabe aos representantes do poder Público.

Por isso é que, de referencia a esses jogos e distrações de crianças e rapazes, com o jogo de *foot-ball*, empinamento de arraias e outros, chamamos a atenção da polícia e do governo municipal.

Um duplo proveito colherá a sociedade, se acertadas providências forem tomadas; evitar-se-ao muitos desgostos, e sobre isso obter-se-a, de algum modo, repressão à vadiagem das crianças, que enchem as ruas, entregues e atraídas por essas distrações.

A liberdade não é licenciosa.<sup>34</sup>

Além das arraias e dos jogos de búzios, ainda existiam os capoeiras que também constantemente se reuniam nos mesmos largos e praças para a vivência daquela atividade (OLIVEIRA, 2005). A reunião de capoeiras resultava, segundo os jornais, quase sempre em brigas, confusões e perseguições policiais. O mesmo pode ser dito das serestas e do candomblé (BRAGA, 1996) e até dos fogos de artifício no São João (LEITE, 1996). Facilmente encontramos inúmeras notícias repreendendo estas atitudes. Todas coexistiam antes mesmo do advento do futebol, sendo muitas vezes

---

<sup>34</sup> Diário de Notícias, 15 jun. 1915, p. 4.

compartilhadas entre os sujeitos (JESUS, 2010; SANTANA, 2008). Seguramente contribuíram para oferecer novos valores para a prática futebolística.

Podemos pensar, portanto, no jogo de bola não apenas como uma prática que foi introduzida exclusivamente pelas elites com um viés moderno/civilizatório, mas também como um esporte que teve no seu desenvolvimento inicial a presença e a contribuição das camadas populares e as suas sociabilidades.

Além de serem compartilhadas e experimentadas paralelamente, o futebol, a capoeira, os sambas, as arraias e tantas outras manifestações populares geralmente ocorriam em um mesmo local, por vezes simultaneamente. A partir das notas do *football de vagabundos* foi possível identificar quais os lugares mais utilizados para a prática. Destacavam-se os Largos da Soledade na Lapinha, Largo de São Bento, Largo do Terreiro, Largo do Teatro na Praça Castro Alves, Largo da Vitória, Engenho da Conceição. Além disso, existiam as praças como a 15 de novembro, além das fachadas do convento de São Francisco e das igrejas de São Pedro dos Clérigos e do Desterro.

Estes lugares, para o futebol, pareciam privilegiados pelo amplo espaço aberto. Antes mesmo do jogo de bola chegar e durante a sua presença, é possível encontrar referências de rodas de capoeiras, serestas, arraias e batucadas nestes mesmos logradouros, sugerindo que estes espaços se constituíam enquanto lugares de sociabilidades para a reunião de adultos, mulheres e homens, além das crianças (RODRIGUES, 2003).

Em suma, entendemos que estes lugares onde latas, bolas de meia e bexigas de bois rolavam como bolas de futebol, historicamente eram constituídos por subalternizados que ao experimentarem uma cultura lúdica em comum contribuíram

para transformarem as praças, becos, ruas e largos da cidade em lugares de sociabilidade popular, onde práticas lúdicas eram constantemente (re)significadas.

### Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. 3ª ed. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

BRAGA, Júlio Santana. *Na gamela do feitiço: repressão e resistência nos candomblés da Bahia*. Salvador, EDUFBA, 1996.

BOURDIEU, Pierre. Como é Possível ser Esportivo? In:\_\_\_\_\_. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Ed. Marco Zero, 1983.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

CARVALHO, Claunísio Amorim. *Terra, grama, paralelepípedos: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906 – 1930)*. São Luís: Café e Lápis Editora, 2009.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle epoque*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.

FERREIRA FILHO, Alberto Heráclito. “Desafricanizar as Ruas: Elites Letradas, Mulheres Pobres e Cultura Popular em Salvador, 1890-1937”. *Afro- Ásia*, nº - 21, pp. 239-256, 1998 -1999.

FRAGA FILHO, Walter. *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do Século XIX*. São Paulo: HUCITEC; Salvador: EDUFBA, 1996.

FRANZINI, Fábio. Esporte, cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, Victor Andrade de. (org.) *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

FONSECA, Raimundo Nonato da Silva. *“Fazendo fita”*: cinematógrafo, cotidiano e imaginário em Salvador, 1897 -1930. Salvador: EDUFBA, 2002.

HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: *Da diáspora: Identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

JESUS, Gilson Souza de. *Ao som dos Atabaques: Costumes negros e as leis republicanas em Salvador (1890-1939)*. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local) DCH – UNEB – CAMPUS V, 2010.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Futebol y Modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad. *Lecturas: educación física y deportes*, Buenos Aires, n. 10, 1998. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com/efd10/geoe.htm>. >. Acesso em 30 mai. 2011.

\_\_\_\_\_. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. *GEOgraphia*, Rio de Janeiro, v.4, n. 8, 2002.

LEITE, Rinaldo Cesar Nascimento. *E a Bahia Civiliza-se...: ideais de civilização e cenas de anti-civilidade em um contexto de modernização urbana: Salvador, 1912-1916*. Dissertação (Mestrado em História) — FFCH, UFBA, 1996.

MAIA, Aroldo. *Almanaque Esportivo da Bahia*. Salvador: Hellenicus, 1944.

MELO, Victor Andrade de. (org.) *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

OLIVEIRA, Josivaldo Pires de. *No tempo dos valentes: os capoeiras na cidade da Bahia*. Salvador: Quarteto, 2005.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PINTO, Rodrigo Márcio Souza. *Do passeio público à ferrovia: o futebol proletário em fortaleza (1904 – 1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Ceará - UFC, 2007.

REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO. Raphael Rajão. *A bola em meio a rua alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)*. Dissertação de Mestrado em História. Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, 2007.

RODRIGUES, Andréa da Rocha. *A infância esquecida: Salvador 1900 – 1940*. Salvador: EDUFBA, 2003.

SANTANA, Lígia Conceição. *Itinerários negros, negros itinerantes: trabalho, lazer e sociabilidade em Salvador, 1870 – 1887*. Dissertação de Mestrado em História.

Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2008.

UZEDA, Jorge Almeida. *A morte vigiada: a cidade do Salvador e a prática da medicina urbana, 1890-1930*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia - UFBA, 1992.

VELLOSO, Mônica Pimenta. *A cultura das ruas no Rio de Janeiro, (1900 – 1930): mediações, linguagens e espaços*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2004.

\_\_\_\_\_. *Tradições populares na belle époque carioca*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989.